



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
ESPECIALIZAÇÃO . CEAD-UFOP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

VALÉRIA MÁRCIA SETTE

AS CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO COM A CONSCIÊNCIA
FONOLÓGICA NAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO

OURO PRETO - MG
2023

VALÉRIA MÁRCIA SETTE

**AS CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO COM A CONSCIÊNCIA
FONOLÓGICA NAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Práticas Pedagógicas do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Professora Dra. Juliana Santos da Conceição

**OURO PRETO - MG
2023**

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S495a Sette, Valeria Marcia.

As contribuições do trabalho com a consciência fonológica nas classes de alfabetização. [manuscrito] / Valeria Marcia Sette. - 2023.
31 f.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Santos da Conceição.
Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro Preto. Centro de Educação Aberta e a Distância.

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Fonologia - Consciência Fonológica.
I. Conceição, Juliana Santos da. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 378

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

Valéria Márcia Sette

AS CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO COM A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Aprovada em 14 de dezembro de 2023

Membros da banca

Professora Doutora Juliana Santos da Conceição / Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Professora Doutora Marcilene Magalhães da Silva - Universidade Federal de Ouro Preto
Professora Doutora Letícia Pereira de Sousa - Universidade Federal de Ouro Preto
Professora Doutora Márcia Ambrósio Rodrigues Rezende - Universidade Federal de Ouro Preto

Professora Doutora Juliana Santos da Conceição, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01/11/2024



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Santos da Conceicao, TECNICO EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS**, em 07/11/2024, às 13:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0804858** e o código CRC **999E2F32**.

AGRADECIMENTOS

Muitos agradecimentos devem ser feitos, e temendo deixar alguém de lado, vou me concentrar naqueles que não posso deixar de lado.

Primeiramente agradeço a Deus por permitir que eu chegasse até aqui e sempre me amparar.

A minha família, em especial ao meu esposo, Aloísio de Souza Passos, meu companheiro, responsável pela maior benção que tenho, a nossa filha, Maria Tereza Battistella Lana Sette.

Agradeço em especial aos professores e orientadores do curso, que tão sabiamente nos orientam nessa jornada e que ocupam um lugar de destaque nesse trabalho.

A todos os envolvidos, o meu muito obrigada!

RESUMO

O tema escolhido para apresentação deste trabalho visa detalhar as dificuldades encontradas quando tratamos de assuntos referentes à Consciência Fonológica. A questão problema deste trabalho foi norteada pela busca do entendimento sobre quais atividades didáticas, que utilizam a consciência fonológica, podem contribuir com a prática docente nas classes de alfabetização. Propomos como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas em uma turma de 3º ano, de uma escola pública do município de Piedade de Ponte Nova, que possam contribuir para o trabalho de alfabetização. Especificamente buscou-se descrever as atividades desenvolvidas na turma do 3º ano, especificamente com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem; indicar os recursos pedagógicos para o trabalho com a consciência fonológica em classes de alfabetização; além de identificar as dificuldades e as potencialidades de estratégias didáticas relacionadas à alfabetização. A metodologia utilizada nesse trabalho começa com uma extensa revisão bibliográfica, amparado pelo entendimento de diversos autores, que aquiescem a necessidade de o professor estar preparado para atender os alunos no processo de alfabetização e letramento considerando a consciência fonológica. Pauta-se ainda em uma pesquisa narrativa por meio de um Relato de Experiência com aplicação de uma atividade em sala de aula e uma análise da Prática Pedagógica aplicada. Hoje temos uma dificuldade quando tratamos do assunto da Consciência Fonológica, com a falta de informação sobre o que deve ser feito ou não quando se tem em sala de aula alunos com dificuldades de aprendizagem, culminando com um atendimento que pode não corresponder às expectativas do aluno. Podemos concluir que é primordial a utilização de métodos diferenciados em sala de aula, assim como atividades que favoreçam a consciência fonológica dos alunos.

Palavra-chave: Alfabetização, Letramento, Consciência Fonológica

ABSTRACT

The theme chosen for the presentation of this work aims to detail the difficulties encountered when dealing with issues relating to Phonological Awareness. The problem question of this work was guided by the search for understanding which teaching activities, which use phonological awareness, can contribute to teaching practice in literacy classes. We propose as a general objective to analyze the pedagogical practices developed in a 3rd year class, from a public school in the municipality of Piedade de Ponte Nova, which can contribute to literacy work. Specifically, we sought to describe the activities developed in the 3rd year class, specifically with students who have learning difficulties; indicate pedagogical resources for working with phonological awareness in literacy classes; in addition to identifying the difficulties and potential of teaching strategies related to literacy. The methodology used in this work begins with an extensive bibliographical review, supported by the understanding of several authors, who acknowledge the need for the teacher to be prepared to assist students in the literacy and literacy process considering phonological awareness. It is also based on narrative research through an Experience Report with the application of an activity in the classroom and an analysis of the Pedagogical Practice applied. Today we have a difficulty when dealing with the subject of Phonological Awareness, with the lack of information about what should or should not be done when students with learning difficulties are in the classroom, culminating in a service that may not meet the student's expectations. . We can conclude that it is essential to use different methods in the classroom, as well as activities that promote students' phonological awareness.

Keyword: Literacy, Literacy, Phonological Awareness.

Sumário

INTRODUÇÃO	08
1- PROBLEMA DE PESQUISA	11
Objetivos	12
2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
3- METODOLOGIA	18
4- RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	21
5- ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	25
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
7- REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

A partir desse meu relato, das minhas memórias afetivas, eu posso afirmar que estou no caminho certo, estou pronta para ser uma educadora e utilizar a extensa bagagem de vivências e momentos especiais como norteador dos meus sonhos que alcancei e ainda pretendo alcançar.

Eu tenho ainda mais certeza que escolhi a profissão certa para seguir, que posso ter sucesso em ensinar, em conduzir o processo de aprendizagem de crianças que eu poderei ajudar a ler e escrever.

Como educadora eu já consigo assimilar a docência com o trabalho voltado a ajudar os alunos a ocuparem o seu lugar no espaço, na sociedade, transformando-os em sujeitos ativos e participativos.

Meu nome é Valeria Márcia Sette, tenho 50 anos, nasci e vivi até os meus 6 anos de idade na zona rural, onde brincava com muitos amigos em uma localidade chamada “Cotas”, dentro da cidade de Santa Cruz do Escalvado. Mudei-me para a cidade em razão das fortes chuvas dos anos 78 e 79. Sempre morei ao lado da escola.

Sonhava em poder fazer parte da escola, ouvia o sino tocar, vai acontecer o recreio e aguardava, ansiosamente, a minha irmã mais velha chegar e logo copiava todas as lições e operações que ela fazia na aula, assim, aprendi a ler e escrever praticamente sozinha. Sempre tive altas habilidades em usar a tesoura, pintar etc.

Estudei na Escola Estadual Dr. Otávio Soares, da 1ª série do Ensino Fundamental até o 8º ano, depois estudei na Escola Nossa Senhora Auxiliadora em Ponte Nova, onde fiz o magistério integrado ao científico. Lá aprendi a forma lúdica de ensinar, através dos jogos.

Tive um enorme desejo de ser “Educadora”, mas tinha somente 17 anos e ainda não podia ser contratada.

Fiz um Processo Seletivo na minha cidade e fui aprovada, realizei meu sonho, só que o sonho, na realidade, foi um pesadelo, devido a inúmeros problemas com logística e a falta de estrutura física na minha cidade, o que dificultava o traslado. Tinha que me levantar às 4:00 da manhã, não havia transporte, o jeito era ir a cavalo, mas venci. Enfrentei chuva, sol e até tempestade, tendo que me locomover no improvisado e sem qualquer segurança, sem falar no desgaste físico de ficar por horas cavalgando em uma estrada de terra e com muitos locais com mata densa.

No ano seguinte, comecei a fazer o curso de Letras/Inglês na Faculdade de Ciências Humanas do Vale do Piranga, depois fui fazer complementação pedagógica em Volta Redonda.

E assim, continuei fazendo cursos, pós-graduação no Rio de Janeiro na região dos Lagos (FERLAGOS).

Apareceu uma oportunidade assim que me formei e consegui trabalhar como Especialista em Educação Básica por muitos anos (aproximadamente 15 anos), e nunca mais deixei de estar inserida na Educação.

Tive momentos de decepção de passar em concurso e não ficar dentro das vagas, mas nunca desisti.

Algum tempo depois, passei em um concurso público em uma cidade vizinha, Piedade de Ponte Nova, onde me sinto realizada. Sou professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Já lecionei no Ensino Fundamental, na EJA e no Ensino Médio, mas descobri que os anos iniciais são onde me realizo.

Resolvi mudar de rota, fui fazer um outro curso em uma área bem diferente, “Serviço Social”, que amei descobrir ser um trabalho prazeroso e gratificante, pois entender as mazelas sociais é algo que nos faz mudar nosso olhar.

Trabalhei por doze meses no Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF) em Santa Cruz do Escalvado, mas novamente outra oportunidade apareceu para trabalhar com Educação Especial, já que havia terminado de cursar minha graduação em Educação Especial.

Como sempre, surgem oportunidades e portas abertas, mais uma se abriu, e acabei me tornando Vice-Diretora da Escola Estadual em Santa Cruz do Escalvado, onde enfrento muitas dificuldades na gestão de pessoas, mas acredito que um dia é sempre melhor que o outro e assim vamos acertando os ponteiros.

Sou casada há 14 anos com o Aloísio, que é um homem compreensivo e incentivador dos meus sonhos. Juntos, vamos construindo os nossos sonhos, sou mãe da Maria Tereza, de 6 anos, que sempre me surpreende com um abraço e beijinhos nos meus momentos difíceis.

E aqui estou para um novo desafio, Pós-Graduação”, pois estudar é buscar novos conhecimentos, o que sempre me fascina.

Tenho total apoio de muitos amigos e familiares, que caminham comigo, ao meu lado, e que não soltarão a minha mão caso eu fraqueje.

Minha família acredita que somos predestinados, que temos definido o nosso destino e que não podemos mudar aquilo que somos, mas eles acreditam que esses sonhos possuem limites, que o contexto social que vivemos nos obriga a viver sempre no mesmo lugar, da mesma forma.

A família é a base de tudo, é o meu alicerce, e eu agradeço por eles nunca me desampararem mesmo quando aquela disciplina parece não ter solução, quando penso em desistir, mas eles nunca me deixam só. Tenho imenso respeito pelas minhas raízes, de onde eu vim, mas sei que podemos fazer tudo, podemos estudar, viajar, viver aventuras que os mais velhos não entendem, principalmente em uma localidade rural onde uma maioria esmagadora dos idosos sequer tiveram a oportunidade de frequentar a escola.

São anos de pensamentos limitados, e temos que aprender que as pessoas têm o direito de viver como desejar, então o que os meus pais insistem em dizer nada mais é que o reflexo daquilo que sempre foi dito para eles.

A partir das minhas memórias de formação e da minha experiência enquanto educadora, algumas inquietações permeiam meu cotidiano em sala de aula, uma delas é a fase de alfabetização das crianças, umas das fases mais importantes e marcantes na vida escolar.

Muitos estudos têm se destacado sobre as maneiras como as crianças aprendem a ler e escrever. Esse tema é debatido por profissionais de diversas áreas, como alfabetizadores, fonoaudiólogos, psicopedagogos e até neurocientistas intensificam suas pesquisas sobre como ajudar as crianças a desenvolverem esse conhecimento.

Trabalhando nas classes de alfabetização, muito me desperta a curiosidade sobre a diferença no tempo e no modo de aprendizagem de cada criança e as maneiras e instrumentos para facilitar esse processo.

Muito há que se avançar no acesso à educação no Brasil, onde o analfabetismo continua presente ainda no século XXI.

Assim, este projeto buscará fornecer subsídios para auxiliar os professores alfabetizadores no trabalho com a consciência fonológica para que os alunos avancem de forma mais fácil e produtiva.

1 PROBLEMA DE PESQUISA

Justi e Justi (2006), dizem que um dos requisitos mais importantes em uma sociedade como a nossa é justamente o aprendizado da leitura e da escrita, visto que, no que tange ao ensino formal, tais habilidades são essencialmente indispensáveis.

Cavalheiro, Santos e Martinez (2010) também dissertam sobre o assunto, revelando que “a consciência fonológica não pode ser desvinculada da aprendizagem da leitura e da escrita”. Para tal, a introdução de atividades que visem à reflexão consciente sobre a estrutura fonológica da língua pode predizer resultados satisfatórios bem como servir de condição essencial no processo de alfabetização em português brasileiro.

Nas palavras de GAFFNEY E ANDERSON (2000, p. 57):

As últimas três décadas assistiram a mudanças de paradigmas teóricos no campo da alfabetização que podem ser assim resumidas: um paradigma behaviorista, dominante nos anos de 1960 e 1970, é substituído, nos anos de 1980, por um paradigma cognitivista, que avança, nos anos de 1990, para um paradigma sociocultural. Se a transição da teoria behaviorista para a teoria cognitivista representou realmente uma radical mudança de paradigma, a transição da teoria cognitivista para a perspectiva sociocultural pode ser interpretada antes como um aprimoramento do paradigma cognitivista que propriamente como uma mudança paradigmática.

Há diversos métodos de alfabetização, porém, nesse trabalho pretendemos abordar o método fônico, que nos permitirá a análise de práticas pedagógicas que utilizam a consciência fonológica.

Em um contexto histórico, as cartilhas utilizadas em sala de aula sofreram duras críticas, tendo sido praticamente eliminadas das salas de aula e do interesse das editoras. e como disposto nos estudos de Ferreiro & Teberosky (1985):

Em seu lugar, apareceram livros de alfabetização com outros nomes, mais modernos, que não se livraram da metodologia das cartilhas, embora alardeiem o contrário. Com o fim das cartilhas (pelo menos aparentemente), o processo de alfabetização passou a ser uma tarefa da responsabilidade direta do professor em sala de aula, às vezes, auxiliado por material de apoio fornecido por órgãos do governo ou pela escola. Alguns professores viram-se sem armas, em meio ao estardalhaço da artilharia de uma guerra que nunca pensaram que iria acontecer. (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985, p.72)

Nesse sentido, diante desses dados que estão sendo levantados, a questão problema desse trabalho será norteadá pela busca do entendimento sobre quais atividades didáticas, que utilizam a consciência fonológica, podem contribuir com a prática docente nas classes de alfabetização, visando sua resposta.

1.1 OBJETIVOS

Geral

Analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas em uma turma de 3º ano, de uma escola pública do município de Piedade de Ponte Nova, que possam contribuir para o trabalho de alfabetização.

Específicos

- Descrever as atividades desenvolvidas na turma do 3ª ano de uma escola pública, especificamente com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, do município de Piedade de Ponte Nova, relacionadas ao ensino por meio da consciência fonológica.
- Indicar os recursos pedagógicos para o trabalho com a consciência fonológica em classes de alfabetização.
- Identificar as dificuldades e as potencialidades de estratégias didáticas relacionadas à alfabetização.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em um primeiro momento, é preciso pontuar que a consciência fonológica pode ser definida como “um conjunto de habilidades explícitas e conscientes de identificar, manipular e segmentar sons da fala até o nível dos fonemas” CUNNINGHAM (1990), citado por BERNARDINO JÚNIOR, et al (2006).

Falando sobre a importância da consciência fonológica no processo de alfabetização e, sobretudo, da consciência fonêmica, segundo Adams (1990), as intervenções baseadas somente na promoção dessas habilidades isoladamente têm efeitos negligíveis.

Em um trabalho citado por Bernardino Júnior, et al (2006), destaca-se que:

O princípio alfabético é definido como a capacidade de perceber que os sons são representados por letras e que quando um fonema particular ocorre em uma determinada palavra, em uma dada posição, este pode ser representado por uma ou por mais de uma letra. (BYRNE, 1998; BYRNE; FIELDING-BARNSLEY, 1989, citado por BERNARDINO JÚNIOR, ET AL, 2006)

Assim, o indivíduo é capaz de formar novas palavras, de encontrar palavras embutidas em outras e de realizar diferentes tipos de jogos com a sonoridade das palavras, sendo essa evolução geralmente gradativa, com início na discriminação de expressões, palavras ou sílabas dentro de unidades mais amplas de fala, progride para a discriminação de rimas, aliterações e sílabas, e só depois é que se chega à consciência dos fonemas como unidades independentes na fala.

Não obstante, é extremamente importante citar o movimento da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) como influenciado pela inserção da tecnologia no dia a dia dos alunos, pelas mudanças no campo profissional e também pela observação da importância de diversas competências para lidar com os desafios do futuro.

Nesse sentido, as competências da BNCC regulamentam as diretrizes em toda a Educação Básica no Brasil, com uma proposta de ensino mais justa, investindo no desenvolvimento intelectual, social, físico, emocional e cultural do aluno, por meio de normativas, tais como:

- Conhecimento;
- Argumentação;
- Trabalho e projeto de vida;
- Repertório cultural.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tem sua definição como:

Um documento plural e contemporâneo, resultado de um trabalho coletivo inspirado nas mais avançadas experiências do mundo. A partir dela, as redes de ensino e instituições escolares públicas e particulares passarão a ter uma referência nacional comum e obrigatória para a elaboração dos seus currículos e propostas pedagógicas, promovendo a elevação da qualidade do ensino com equidade e preservando a autonomia dos entes federados e as particularidades regionais e locais. (BRASIL, 2018, p.5)

Conforme apontado no documento da BNCC (BRASIL, 2018), é nos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental que se espera que a criança se alfabetize, mesmo que desde o seu nascimento e na Educação Infantil, a criança conviva com diferentes práticas letradas. Isso significa que a alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica.

Nesse processo:

É preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura – processos que visam a que alguém (se) torne alfabetizado, ou seja, consiga “codificar e decodificar” os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras), o que envolve o desenvolvimento de uma consciência fonológica (dos fonemas do português do Brasil e de sua organização em segmentos sonoros maiores como sílabas e palavras) e o conhecimento do alfabeto do português do Brasil em seus vários formatos (letras imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas), além do estabelecimento de relações grafofônicas entre esses dois sistemas de materialização da língua. (BRASIL, 2018, p.89).

A BNCC define que a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o segundo ano do ensino fundamental, com o objetivo de garantir o direito fundamental de aprender a ler e escrever. BRASIL (2017).

De acordo com o BLOG NOVA ESCOLA (2020), esse novo documento disposto na BNCC mantém os principais pressupostos presentes em diretrizes anteriores, como os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs), mas também incorpora mudanças, uma vez que, oficialmente, a BNCC não traz direcionamentos sobre as abordagens que devem ser adotadas, mas existe uma perspectiva que está por trás da elaboração do texto: nela, o trabalho com algumas relações entre fala e escrita é enfatizado, sendo que esse documento justifica essa ênfase como um reconhecimento de que a apropriação do sistema alfabético de escrita tem especificidades e colocando-a como foco principal da ação pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Cabe ressaltar que essa mudança em relação à redução de três para dois anos do tempo exigido para alfabetização das crianças vem sofrendo críticas de pesquisadores da área e requer novos estudos sobre os impactos dessa mudança para as crianças.

A BNCC destaca que pesquisas sobre a construção da língua escrita pela criança mostram que, nesse processo, é preciso:

- Diferenciar desenhos/grafismos (símbolos) de grafemas/letras (signos);
- Desenvolver a capacidade de reconhecimento global de palavras (que chamamos de leitura “incidental”, como é o caso da leitura de logomarcas em rótulos), que será depois responsável pela fluência na leitura;
- Construir o conhecimento do alfabeto da língua em questão;
- Perceber quais sons se deve representar na escrita e como;
- Construir a relação fonema-grafema: a percepção de que as letras estão representando certos sons da fala em contextos precisos;
- Perceber a sílaba em sua variedade como contexto fonológico desta representação;
- Compreender o modo de relação entre fonemas e grafemas, em uma língua específica.

A partir dos apontamentos da BNCC, entende-se que, esse processo básico de alfabetização, de construção do conhecimento das relações fonografêmicas em uma língua específica, pode se dar em dois anos de escolarização, mas que deve ser complementado por outro período, bem mais longo, que chamam de ortografização, que complementarmente o conhecimento da ortografia do português do Brasil.

Na construção desses conhecimentos, há três relações que são muito importantes:

- a) as relações entre a variedade de língua oral falada e a língua escrita (perspectiva sociolinguística);
- b) os tipos de relações fono-ortográficas do português do Brasil;
- c) a estrutura da sílaba do português do Brasil (perspectiva fonológica).

Cabe destacar, ainda segundo a BNCC, que a escolha dos gêneros textuais terá impacto no processo de alfabetização.

Mesmo que haja a leitura e a produção compartilhadas com o docente e os colegas, ainda assim, os gêneros propostos para leitura/escuta e produção oral, escrita nos primeiros anos iniciais, serão mais simples, tais como listas (de chamada, de ingredientes, de compras), bilhetes, convites, fotolegenda, manchetes, listas de regras da turma etc., pois favorecem um foco maior na grafia, tornando-se mais complexas à medida que se avança nos anos iniciais.

Nesse sentido, ganha destaque o campo da vida cotidiana, em que circulam gêneros mais familiares aos alunos, como as cantigas de roda, as receitas, as regras de jogo etc. Do mesmo modo, os conhecimentos e a análise linguística avançarão em outros aspectos notacionais da escrita, como pontuação e acentuação e introdução das classes morfológicas de palavras a partir do 3º ano. (BRASIL, 2018, p.93)

Corroborando com os autores citados e as diretrizes da BNCC, a consciência fonológica nos permite a criação de novas palavras através da manipulação de rimas, de aliteração e de fonemas, onde essa habilidade relaciona-se de maneira direta e estreita como o aprendizado da escrita, e como dito por Zuanetti, et al, (2018):

Se falta à criança as habilidades de leitura, de escrita e de cálculo, pode haver inevitáveis frustrações não só no período em que deve ser alfabetizada, mas também podem sobrevir prejuízos futuros à sua vida, no tocante à vida social e ao conceito ou visão que a criança terá de si mesma, o que pode afetar sua autoestima. (ZUANETTI, ET AL, 2018, p.36)

Como dito por Jenkins e Bowen (1994), o desenvolvimento da consciência fonêmica requer experiências específicas, como instruções formais que explicitem as regras de mapeamento dos sons da fala na escrita alfabética e, visando contemplar a necessidade de a criança conseguir ser capaz de identificar fonemas individuais, ela precisa receber instrução explícita sobre as correspondências entre os elementos fonêmicos da fala e os elementos grafêmicos do texto.

Nas palavras de Seabra e Capovilla (2010),

A primeira característica que distingue a maioria das crianças que fracassam em aprender a ler é a baixa habilidade metafonêmica ou consciência fonêmica. (...) O fracasso de leitura e escrita das coortes anuais de alunos analfabetos brasileiros não se deve a fatores hereditários e constitucionais com substrato anatômico e funcional identificável como em dislexia do desenvolvimento e distúrbios de processamento auditivo central e do sistema vestibular, mas, sim, a erros grosseiros na alfabetização. (SEABRA E CAPOVILLA, 2010, p. 17)

Assim, um trabalho sistematizado com os fonemas pode contribuir para que as habilidades de leitura e escrita sejam adquiridas em menor tempo.

Hoje, vemos nas escolas crianças com sete anos ou mais de escolarização que não estão alfabetizadas.

Esse é um sinal de que há falhas no processo. Diversos estudos internacionais foram publicados questionando a eficácia de alguns métodos de alfabetização. “Crianças podem ter bons resultados em até um ano, independentemente de sua condição social, desde que aprendam pelos métodos certos” (MORAIS, 2014, p. 59).

É importante destacar que, mesmo com a citação acima, não existe um método considerado certo para alfabetizar, e o êxito nesse processo vai depender da

especificidade de cada criança, devendo o professor estar atento aos sinais que o mesmo possa apresentar.

São diversas técnicas e métodos que podem ser aplicados em sala de aula, e cada uma dessas ferramentas devem ser usadas visando unicamente a aprendizagem do aluno, considerando suas habilidades e o modo como compreende o que está sendo aplicado.

Avanços na neurociência têm fortalecido evidências da eficiência que o método fônico pode apresentar.

O trabalho com a consciência fonológica, desde a educação infantil, permitirá desenvolver o sucesso da alfabetização e, conseqüentemente, reduzir o número assustador de crianças que frequentam o 1º e 2º ano do ensino fundamental e saem sem saber ler e escrever. (PULIEZI, 2013, p. 24)

Os que carecem da consciência fonológica têm que se esforçar mais para ter êxito, e aí pode estar a razão desse longo tempo para se alcançar o resultado desejado.

Vários estudos têm mostrado que muitos professores não sabem o suficiente sobre o modo como a criança aprende a ler e como se deve ensiná-la, nem têm conhecimento explícito aprofundado da língua e do código ortográfico. (MORAIS, 2014, p. 35).

Existe a necessidade de empreender corajosas e profundas reformas metodológicas no modelo de alfabetização vigente para que o professorado possa redescobrir como alfabetizar com eficácia e o alunado, redescobrir o prazer de aprender bem e se tornar cada vez mais competente.

Para Capovila (2004):

(...) a Educação e o educador são antes de tudo, os principais instrumentos para a efetiva consecução do progresso e da justiça sociais; mas esse progresso só pode ser conseguido se o educador se mostrar sensível às dificuldades do educando e disposto a aprender com ele como ensinar cada vez com maior envolvimento, paixão e eficácia. (CAPOVILA, 2010 P.14-15).

A consciência fonológica mal desenvolvida pode ser o principal motivo para o insucesso de crianças na leitura e escrita.

Através de jogos orais, desafios fonológicos e atividades com uma progressão gradual, crianças podem avançar satisfatoriamente.

3 METODOLOGIA

A proposta pedagógica que será analisada neste trabalho faz parte da minha experiência enquanto professora, ancorada nos autores que discutem a temática sobre alfabetização e a consciência fonológica.

A metodologia que foi utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi embasada nos estudos de diversos materiais bibliográficos, amparando em concepções de diversos autores que corroboram com o tema. Especificamente, o trabalho se fundamenta no princípio metodológico da pesquisa narrativa, acompanhada de um Relato de Experiência vivenciado na cidade de Piedade de Ponte Nova, com alunos do 3º ano que apresentam dificuldade de aprendizado, com o desenvolvimento de uma Oficina de Aprendizagem com o tema “O que quero ser quando crescer?”.

Clandinin e Connelly (2015) indicam que os estudos na área da educação são formas de experiência, nesse sentido, os autores definem que

Narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência. Experiência é o que estudamos, e estudamos a experiência de forma narrativa porque o pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo-chave de escrever e pensar sobre ela. Cabe dizer que o método narrativo é uma parte ou aspecto do fenômeno narrativo. Assim, dizemos que o método narrativo é o fenômeno e também o método das ciências sociais (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 48)

O local da realização desse trabalho é o Núcleo Escolar Municipal Dom Viçoso, localizado na Rua Doutor Antônio Martins Silva, no Centro de Piedade de Ponte Nova – MG, onde atuo como professora.

A escola possui turmas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, com 302 alunos matriculados e atendidos por 31 professores, com uma completa infraestrutura composta por:

- Área de alimentação;
- Auditório;
- Pátio coberto;
- Área verde e parquinho;
- Quadra esportiva descoberta;
- Dependências com Acessibilidade;
- Sanitário com Acessibilidade;

- Bebedouros com água filtrada;
- Sanitário dentro da escola;
- Cozinha;
- Laboratório de Informática e de Ciências;
- Sala de Leitura e sala de Professores;
- Internet Banda Larga.

A turma do 3º ano analisada possui 17 alunos, porém, nesse trabalho, para análise dessa prática pedagógica, serão acompanhados 5 alunos.

Cabe destacar que esses alunos foram alfabetizados durante o período da pandemia, e algumas habilidades da alfabetização ainda não estão consolidadas, por isso a escolha desse grupo de alunos.

No período da pandemia, a alfabetização sofreu uma grande defasagem na aprendizagem dos alunos, uma vez que as responsabilidades de ensino ficavam, muitas vezes, a cargo dos pais que não estavam preparados para tal, refletindo diretamente na continuidade do ensino.

Temos casos de alunos que simplesmente foram aprovados apenas por assistir as aulas, e claro, outros casos em que os alunos não possuíam recursos, como acesso à internet, para acompanhar o que era passado pelos professores, e quando as aulas voltaram a normalidade, os professores precisavam se adequar a cada situação em especial, avaliando e cuidando individualmente dos alunos.

É importante mencionar que muitas pessoas, inclusive os professores, se viram obrigados a se adaptarem à nova realidade trazida pela pandemia, porém os alunos foram introduzidos nesse momento sem qualquer possibilidade de se prepararem previamente para o que estavam vivendo, eles não participavam de aulas convencionais, aprenderam a aprender por meio de telas e o contato quase que mínimo com a escola numa proporção palpável.

Durante a pandemia, os alunos foram atropelados com metodologias totalmente diferentes das que vagamente conheciam, quando se fala em etapas de alfabetização e primeiro contato com a escola.

Com a intenção de preservar a identidade dos estudantes, por motivos que vão além do necessário a ser citado aqui, neste trabalho serão tratados pela inicial de seus nomes, como:

1. Aluna E.V – 9 anos;
2. Aluna H.C – 8 anos;
3. Aluno L.C – 9 anos;
4. Aluna M.F – 9 anos;
5. Aluno T.N – 9 anos.

De acordo com a metodologia escolhida, observou-se o desenvolvimento, interação e aprendizagem dos alunos, assim como o nível de defasagem de cada um.

É importante destacar que o educador deve ser o portador da consciência mais avançada de seu meio, necessita possuir antes de tudo a noção crítica de seu papel, isto é, refletir sobre o significado de sua missão profissional, sobre as circunstâncias que a determinam e a influenciam, e sobre as finalidades de sua ação (PINTO, 2003, p.48).

Um dos pontos positivos da educação é exatamente o ato de observar, tomar nota, estar ciente do contexto, como um instrumento passível de análise por parte do pesquisador que busca compreender fenômenos de interesse do estudo. (GIL, 2011).

Nesse sentido, como parte inerente a Fundamentação Teórica, será feita uma pesquisa bibliográfica para analisar os autores que aquiescem sobre o tema, onde os estudos realizados serão utilizados para descrever e analisar sua prática pedagógica.

Seguido por um Relato de Experiência que retrata a rotina em sala de aula de alunos com defasagem de aprendizado com foco no desenvolvimento da consciência fonológica.

Não obstante, todos os autores aqui citados serão devidamente referenciados em campo próprio, e a identificação dos alunos se dará com a inicial dos nomes, visando preservá-los.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Iniciando o Relato de Experiência, realizado no Núcleo Escolar Municipal Dom Viçoso, turma do 3º ano com defasagem de aprendizagem, serão acompanhados, como dito, os alunos:

- E.V – aluna, 9 anos;
- H.C – aluna, 8 anos;
- L.C – aluno, 9 anos;
- M.F – aluna, 9 anos;
- T.N – aluno, 8 anos.

Para a observação de todos os alunos citados, realizou-se uma Oficina de Aprendizagens, onde cada um podia se expressar de acordo com suas expectativas de formação, a famosa pergunta “O que quero ser quando crescer?”

Esse tipo de prática está diretamente relacionado com a consciência fonológica no que tange a necessidade de saber se expressar, de ler o material disponível e identificar qual teria mais relação com o aluno, a exemplo das cartilhas usadas como referência às várias profissões que existem.

É importante destacar que as profissões citadas fazem parte do contexto em que as crianças estão inseridas, seja por relação familiar direta, influência das mídias sociais, hoje tão presentes em diversos momentos, televisão ou amigos, além dos que não souberam explicar o motivo da escolha, de acordo com a figura abaixo:

Figura 1 – Influência na escolha da profissão



Fonte: Elaboração própria da autora

Os alunos foram separados em três grupos de 4 pessoas e um grupo de 5 pessoas, onde cada um dos que apresentaram defasagem de aprendizagem ficaram em turmas distintas para um melhor desenvolvimento do processo inclusivo.

Para tal, utilizamos a sala de aula mesmo, porém com as carteiras dispostas na ordem citadas, como um grande círculo com 5 círculos menores dentro.

Ao definir os grupos pautou-se, inicialmente, na possibilidade de distribuir os alunos E.V, H.C, L.C, M.F e o T.N de modo a promover a inclusão e socialização dos mesmos, o que aconteceu de maneira satisfatória e dentro do previsto.

Todos os alunos da turma estavam dialogando com os amigos, argumentando sobre quais profissões conheciam e pensando em caminhos para tentar chegar ao resultado esperado, nesse caso, encontrar qual profissão seria mais interessante para cada, mesmo com alguns alunos mais comunicativos que os outros.

Neste cenário, compreendemos que ensinar não é apenas um trabalho para a transmissão de conhecimento científico, mas também, uma troca que se realiza entre os sujeitos no processo de ensino e aprendizagem, e os alunos com demandas específicas precisam de metodologias diversificadas que visem atender às suas necessidades.

Dentre as profissões mais citadas, tivemos:

Figura 2 – Profissões mais citadas pelos alunos



Fonte: Elaboração própria da autora

Dois alunos em sala ficaram divididos entre algumas profissões, mas aqueles observados nessa atividade foram assertivos em suas escolhas, sendo as que tiveram mais afinidades:

Aluna E.V – YouTube: disse que deseja ter uma página no YouTube onde mostraria suas viagens pelo mundo;

Aluna H.C – Veterinária: amante dos animais, contou ter 3 cães em casa, além de 2 calopsitas e um peixinho que fica no seu quarto. Ela disse que pretende cuidar dos animaizinhos que moram na rua, levando todos para morar em sua casa;

Aluno L.C – Cantor: ele gosta muito de cantar e dançar, é bem desinibido e diz que já canta na igreja que frequenta. Diz que vai ser o maior cantor do mundo, e que vai levar os pais e o irmão para viverem com ele quando ficar famoso;

Aluna M.F – Dançarina: Adora dançar, se distrai facilmente durante as aulas, sendo uma das mais “atrasadas” em relação ao aprendizado. Gosta de vídeos de TikTok e sabe praticamente todas as coreografias.

Aluno T.N – Caminhoneiro: Foi o único que citou essa profissão, e diz que deseja dirigir um grande caminhão de bois como o avô. É uma criança extremamente tímida, muito quieta e que fala poucas palavras, mas que se soltou bastante durante a atividade e contou várias histórias do avô João.

Trabalhar a consciência fonológica é promover o encontro entre a comunicação e a forma como nos comunicamos, como somos entendidos, e em sala de aula os alunos se mostraram bem abertos ao diálogo, propondo meios de desenvolvê-la e incluindo elementos que fazem parte de seu mundo, como os inúmeros exemplos das mídias sociais que seguem.

Como um complemento à aula, mesmo que não estivesse previsto, foi reservado um momento para falar sobre o acesso à internet, como os alunos se conectam e quais as páginas que mais utilizam, ficando o TIKTOK em primeiro lugar, onde praticamente todos disseram ter acesso a essa plataforma.

Nesse sentido, falei brevemente sobre os riscos da internet, como evitar acessar sites desconhecidos e, principalmente, que as crianças devem comunicar aos pais ou responsáveis sobre qualquer fato que considerem estranho, assim como evitar se comunicar com pessoas pela internet. Todos disseram compreender o que foi dito.

Além da Oficina de Aprendizagem “O que quero ser quando crescer”, de acordo com o que foi descrito, podemos citar como sugestões de atividades de consciência fonológica, temos:

- Jogo da Memória;
- História Sonora;
- Que bicho é esse;
- Quantas palavras eu falei;
- Manipulação fonêmica, entre outras.

Como bem sabemos, a consciência fonológica é uma habilidade fundamental no processo de aprendizagem da leitura e escrita, e as atividades citadas auxiliam diretamente na capacidade de identificar, manipular e refletir sobre os sons da fala, como as sílabas, fonemas e rimas, é essencial para o desenvolvimento da alfabetização.

Essas atividades permitem que as crianças compreendam, de forma ampla e objetiva, a relação entre os sons da língua e as letras que os representam.

O jogo da memória, por exemplo, auxilia na manipulação dos sons da fala, já que as palavras encontradas serão sempre comparadas umas às outras, o que acontece quando colocamos palavras como bolo, mola, sola, fora, etc.

Um outro bom exemplo é a atividade “Que bicho é esse?”, onde, além das palavras propriamente ditas, temos também a possibilidade de assimilar o som feito pelos animais, remetendo ao lúdico, quando a criança aprende que um cão é um au au, uma galinha é um cocoricó, e por aí vai. Isso estimula a fala, a abreviação, o domínio de palavras pequenas e a comparação, claro.

Ah, não menos importante, a História Sonora é uma atividade que permite ser realizada junto à “Que bicho é esse?”, corroborando com o que foi dito sobre a identificação das palavras de acordo com o som que ela representa.

Desenvolver a consciência fonológica em sala de aula é permitir que as crianças tenham acesso a um aprendizado completo, identificando e manipulando os sons da fala, trocando uma letra por outra para formar uma nova palavra, e por aí vai.

Essas são habilidades mais que essenciais para contemplar o processo de leitura e de escrita em sala de aula, permitindo que as crianças compreendam a estrutura das palavras e desenvolvam a consciência das rimas e aliterações.

5 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Finalmente, já entrando na reta final desse relato, é pertinente detalhar quais as etapas correspondentes às principais dificuldades apresentadas pelos 5 alunos analisados, a timidez foi um ponto considerável no resultado, uma vez que algumas respostas dependiam diretamente do modo como a turma reagia.

Sobre a continuidade da atividade, ao serem questionados sobre qual a profissão dos pais, o aluno T.N foi o único que conseguiu responder com exatidão, o que levou a propor que perguntassem aos responsáveis, promovendo a interação entre eles dentro de casa.

Perguntados sobre essa interação com a família, quem auxilia nas atividades que são enviadas como tarefa, todos os alunos disseram que apenas a mãe participava dessa etapa, mas um e outro citou um irmão mais velho ou uma tia.

Mesmo que no momento não tenha professor de apoio, já existe um projeto em andamento para o próximo ano, tendo em vista as dificuldades dos alunos que não frequentaram a escola durante a pandemia, com conteúdo mais direcionados e acompanhamento extra classe.

Durante o desenvolvimento da atividade proposta foi possível analisar o desempenho dos alunos, a figura abaixo descreve um resumo das habilidades avaliadas:

Figura 3 – Nível de desenvolvimento dos alunos durante a atividade



Fonte: elaboração própria da autora

A figura 3 corresponde ao desenvolvimento do aluno durante a atividade, considerando o eixo 0 a 70 como o percentual de aproveitamento escolhido como adequado nesse trabalho.

Esse sistema é apenas ilustrativo, e considerando que alguns alunos apresentaram mais dificuldades que outros, optou-se por permanecer nessa linha, de 70%.

- A aluna E.V, apesar de sempre muito falante e adorar dançar em sala de aula, não interagiu com seus colegas, mas se sobressaiu no quesito fala.
- A aluna H.C se manteve equilibrada quanto aos resultados, se sobressaindo no quesito atenção.
- L.G fez apenas o básico, mesmo sendo um dos garotos mais desinibidos e falantes da turma, não estava em um dia bom e se queixou de sono em alguns momentos, que ficou jogando videogame até tarde, etc. Isso não é comum, por isso não foi relevante já que é algo que não acontece com frequência, e no final da aula, conversei pessoalmente com sua mãe e comuniquei o ocorrido.
- Já a aluna M.F, igualmente apaixonada pela dança, mesmo que apresente problemas significativos no seu desenvolvimento e aprendizagem, se mostrou extremamente coerente ao explicar o que deseja ser quando crescer, dando vários exemplos de artistas que considera bons. Também teve uma boa interação com os demais, tendo apenas a atenção como ponto negativo (ela se distrai com muita facilidade).
- Por último, mas não menos importante, o T.N, uma criança linda e extremamente tímida. Ele adora contar as histórias do avô caminhoneiro, mas quando percebe que está sendo observado por muitas pessoas, ou que é o centro das atenções, ele se fecha. Manteve os índices dentro da normalidade, mas, como sempre, fica atento às aulas e presta atenção em tudo que é dito/feito.

Nesse sentido, reforçamos que a figura 3 é somente ilustrativa, não tem ligação direta com a atividade feita e foi idealizado na intenção de acompanhar os critérios estabelecidos, ficando a atenção como elemento de maior destaque, e a fala em último lugar.

Muitos dos nossos alunos são crianças tímidas, que se incomodam em falar como o centro da atenção em sala de aula.

A aplicabilidade das atividades direcionadas à obtenção da consciência fonológica, é importante citar novamente a Base Nacional Comum Curricular que afirma ser nos anos iniciais, principalmente nos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental que se espera que a criança se alfabetize e domine técnicas de comunicação e reconhecimento dos sons e letras correspondentes a eles.

As atividades citadas auxiliam nesse processo, uma vez que o que foi feito em sala de aula está intimamente ligado ao ensino aprendizagem e consciência fonológica.

Destaca-se que, em sala de aula, a atividade aplicada foi a referente a “O que eu quero ser quando crescer”, desenvolvendo aspectos ligados à interação, domínio da fala, argumentação e conhecimentos específicos sobre a definição de profissão como algo inerente a suas expectativas.

Assim, a análise da prática pedagógica foi realizada em sua totalidade, uma vez que os dados referentes aos resultados da atividade feita, os alunos que participaram, os elementos utilizados e a descrição individual de cada criança estão aqui expostos, garantindo a comprovação da relevância do tema.

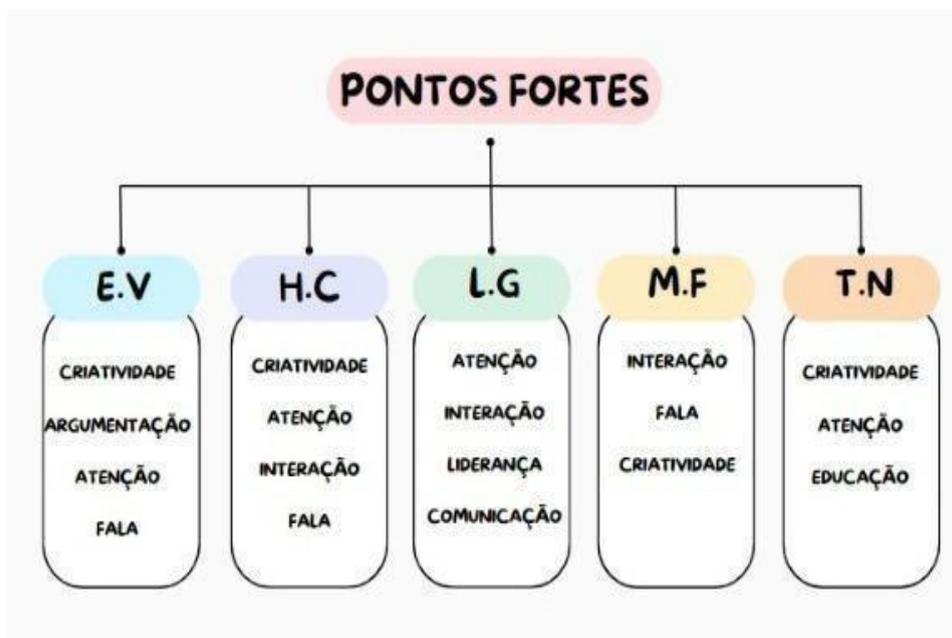
Destaca-se que o processo de avaliação realizado foi o diagnóstico, onde analisamos o desenvolvimento de cada aluno durante a atividade proposta, identificando pontos fortes e fracos, facilidade de aprendizagem, interação e como cada um se expressa considerando suas limitações.

Os pontos fortes e fracos visam traçar um plano de ação, onde os professores podem se guiar a fim de determinar quais são as melhores estratégias de estudo, quais áreas demandam mais atenção, como as limitações interferem no aprendizado, etc.

Os alunos aqui citados foram observados considerando a identificação dos pontos fortes e fracos durante as atividades, e os resultados obtidos se amparam nas anotações feitas em sala de aula, lembrando que a turma é composta por outros alunos que não entraram em nossa análise.

Os alunos escolhidos apresentam especificidades que condizem com a pesquisa, assim como as limitações cognitivas brandas e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), corroborados por informações dos pais, laudos médicos e dados extraídos do Plano de Desenvolvimento Individual (PDI).

Figura 4 – Pontos Fortes apresentados pelos alunos



Fonte: Elaboração própria da autora

Figura 5 – Pontos Fracos apresentados pelos alunos



Fonte: Elaboração própria da autora

Nesse sentido, elencar os pontos fracos e fortes dos alunos, considerando a atividade aplicada, permite compreender a relevância do desenvolvimento das crianças

no uso da consciência fonológica que possibilita interagir em sala de aula e, eventualmente, progredir quanto ao seu aprendizado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão tem como objetivo colaborar para um maior entendimento acerca da importância da Consciência Fonológica em sala de aula, considerando o processo de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, etapa regularmente conhecida como adequada para alfabetizar.

É extremamente importante que se compreenda a relevância da consciência fonológica para inserção de elementos que auxiliem no aprendizado das crianças, e esse trabalho pautou-se a apresentar esses elementos, assim como o detalhamento de ações práticas passíveis de aplicabilidade em sala de aula.

São debatidos os mais diversos métodos de alfabetização, e aqui falou-se um pouco mais sobre o método fônico, cientes que a alfabetização pode ser desenvolvida em diversos métodos, e não somente no método fônico, o que permitiu uma criteriosa análise das práticas pedagógicas que utilizam a consciência fonológica em sala de aula.

Nesse sentido, inúmeros dados foram levantados, considerando a questão problema desse trabalho, norteados pela busca do entendimento sobre quais atividades didáticas, que utilizam a consciência fonológica, podem contribuir com a prática docente nas classes de alfabetização, visando sua resposta.

Foram observados os alunos E.V – 9 anos, H.C – 8 anos, L.C – 9 anos, M.F – 9 anos e T.N – 9 anos.

A atividade aplicada foi a Oficina de Aprendizagem com o tema “O que quero ser quando crescer?”, onde os alunos citados interagem com a turma e com os professores, debatendo o tema e conversando sobre o que entendiam das profissões. Na apresentação dos resultados, constam figuras ilustrativas, todas feitas no site CANVA, onde identificamos os alunos, as profissões escolhidas e o desenvolvimento de cada um.

No mais, os pontos fortes e fracos, provenientes da avaliação diagnóstica realizada, também foram apresentados, colaborando diretamente com a explicação do desenvolvimento e a importância da consciência fonológica, uma vez que debater o assunto, reconhecer as profissões citadas e, principalmente, interagir com os colegas são elementos essenciais no processo de alfabetização.

Quando levantamos os dados que permitiram detectar esses pontos fortes e fracos, foi possível um olhar mais direcionado aos alunos, dando atenção a cada detalhe que poderia passar por despercebido sem essa técnica. Sendo assim, conhecer as habilidades e dificuldades de cada aluno permite preparar a aula visando atender a cada necessidade pedagógica, a cada dúvida sobre o aprendizado e, finalmente, elaborar um plano de aula que contemple todo o esperado.

Por conseguinte, podemos concluir que é primordial a utilização de métodos diferenciados em sala de aula, assim como atividades que favoreçam a consciência fonológica dos alunos.

7 REFERÊNCIAS

BERNARDINO JUNIOR, J.A. et al. **Aquisição de leitura e escrita como resultado do ensino de habilidades de consciência fonológica.** Rev. bras. educ. espec., Marília, v.12, n.3, p.423-450, 2006.

BLOG NOVA ESCOLA. **O que a BNCC propões para a alfabetização.** 2020. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/40/o-que-a-bncc-propoe-para-a-alfabetizacao>. Acesso em: 19 de janeiro de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/bncc-ensino-medio>. Acesso em: 17 de setembro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional determina alfabetização até o segundo ano do Ensino Fundamental.** 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/base-nacional-determina-que-criancas-sejam-alfabetizadas-ate-o-segundo-ano-do-fundamental>. Acesso em: 28 de janeiro de 2024.

Capovilla, A. G. S., & Capovilla, F. C. (2004). **Alfabetização: método fônico.** São Paulo: Memnon.

CAVALHEIRO, Laura Giotto; SANTOS, Michele Santana dos; MARTINEZ, Poliana Volney da Silva RIBEIRO. **Entre palavras**, Fortaleza - ano 1, v.1, n.1, p. 100-116, ago/dez 2011.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. rev. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.

FERREIRA, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GAFFNEY, Janet S., ANDERSON, Richard C., (2000). **Trends in reading research in the United States: changing intellectual currents over three decades**. In: KAMIL, M. L., MOSENTHAL, P. B., PEARSON, P. D., BARR, R. *Handbook of reading research -* v. III. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, p. 53-74.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011. 200 p.

JUSTI, C. N. G.; JUSTI, F. R. dos R. **Consciência fonológica: o efeito do seu treinamento no desenvolvimento da escrita em crianças pré-escolares**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 87-93, jan./mar. 2006.

MORAIS, José. **Alfabetizar para a democracia**. Porto Alegre: Penso, 2014.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003. 119 p.

PULIEZI, Sandra. **Ensinando com letras e sons**. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013

SEABRA, Alessandra G.; CAPOVILLA, Fernando C. **Alfabetização: Método Fônico**. 5.ed. São Paulo. Memnon,2010

ZUANETTI, P. A.; SCHNECK, A. P. C.; MANFREDI, A. K. da S. **Consciência fonológica e desempenho escolar**. Rev. CEFAC, 2008, vol.10, no.2, p.168-174. ISSN 1516- 1846.